



# ○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

## Editorial

A primeira vez que ouvimos falar nesta «Frente», foi o ano passado por este tempo, mais concretamente, no sábado de Aleluia, quando se procedeu à queima do Judas. Não receámos na altura que pudesse haver qualquer tentativa de secessão por parte da gente que mora para lá do paralelo 13, que o mesmo é dizer da estrada nacional n.º 13.

Se nos permitem que sejamos franco, entendemos aquela expressão como mais uma mostra do génio inventivo fangueiro, mais precisamente da sua feição humorística. Então os ramalhenses (não vem no dicionário) também são fangueiros? Hom'essa! Fangueiros de pura gema!

## FRENTE DE LIBERTAÇÃO DO RAMALHÃO FÃO, UNO E ETERNO

Não há dúvidas que Fão constitui um todo uno e indivisível per omnia saecula saeculorum. Só que apesar dessa coesão, é possível perscrutar quatro sensibilidades, quatro, talvez cinco, identidades, quatro ou cinco vertentes. Vejamos: Temos em primeiro lugar ou último (não há problemas) as Pedreiras cuja gente ressumbra um certo olor telúrico, pois a grande maioria viveu durante muito tempo do amanho das terras. Ainda hoje moram lá os últimos abencerragens da lavoura fangueira: Gaifens, Migueis e outros quejandos.

Vejamos a Areosa: presumimos que o núcleo mais importante dos pescadores vivia aqui nos tempos de antanho. Hoje já não é assim. A Areosa assenhoreou-se e os pescadores acantonaram-se mais para o Ramalhão, que, deduzimos, deve ser um dos lugares mais recentes da terra fangueira. Ramalhão, pois claro. Outra sensibilidade, mas adstringente apenas ao espaço das duas ruas que partem ambos do ângulo de onde se faziam os célebres serões da tia Leonor. O resto é modernização. Por ontónímia somos forçados a aceitar que a parte mais moderna da urbe local

é hoje em dia o Ramalhão. Tem ali belas moradias, por ventura as mais lindas moradias da terra. Mas o humus de onde procede a F.L.R. desentranha-se só daquelas duas artérias atrás referidas.

Mas deixemos por momentos esta área e fixemo-nos na zona centro. Será a matriz, a mãe de todos os núcleos derivativos fangueiros. Apesar de ser a alma mater e do seu relativo ar de abastância, com casas de uma certa fidalguia, encosta-se hoje muito à Areosa para efeitos de representatividade. É sinal de menos independência, de menos garra e, portanto, de maior fraqueza. Sobretudo, de comodidade.

Falámos atrás de uma quinta vertente, de um quinto modus essendi. Referíamos a Ofir, lugar de uma indesmentível transitoriedade que às vezes tem muita gente e outras, menos. Incaracterística, portanto.

Depois deste entranhar nas várias idiosincrasias locais, que dizer da Frente de Libertação do Ramalhão? Que estamos perante uma afirmação de identidade, que pretende ser original, singular, por ventura a mais rica, a mais artística, a que melhor se identifica com a alma de Fão.

Só que Fão é mais que isso: tem o simplismo atávico da gente das Pedreiras, o independentismo ultrapassante dos ramalhenses, um certo culto de admiração dos passantes de Ofir, a espe-



A bandeira da Frente de libertação do Ramalhão

cificidade artística da Areosa. Fão é um mundo, uma miscelânea de vários componentes que lhe configuram uma identidade que por sua vez se recria em cada uma das suas partes, partes que quanto mais se enriquecem, enriquecem também o todo que é Fão, uno e eterno.

## O PERFIL DE HOJE

Por JOSÉ CÂNDIDO

### DONA ANA JARDINÉ LEITE MARIZ

Há dias, falando com um antigo morador de Fão, dizia-me ele que quem havia doado a água à vila havia sido António Veiga. Tal não corresponde à verdade e, segundo julgo, António Veiga pagou a canalização da água do Campo da Arroteia até aos fontenários de Fão, que também pagou.

Porém, segundo documento notarial a que tive acesso, verifica-se que a água foi cedida à Junta de Paróquia «por doação gratuita» (...), «para que possam explorar-la e encana-la a fim dos mesmos construírem e edificarem fontes ou chafarizes para utilidade pública» de Donna Ana Jardimé Leite Mariz. Constituíam então (1892) a Junta de Paróquia o «Reverendo Gonçalo Lourenço Cardoso Vianna, José Pinto de Campos e António Gonçalves Turra, actuais Presidente, Vice-Presidente e Vogal».

Quem era, afinal, esta Dona Ana Jardimé que assim doa a Fão a água do Campo da Arroteia que seu falecido marido, o «Facultativo Manuel José Fernandes Carreira» havia comprado a Rosa Cardoso de Araújo, viúva de Manuel Caetano de Brito, em 1867?

Segundo os documentos que vimos citando, esta senhora residia na Rua de S. João, à Varisqueira, «nos limites da freguesia». Afinal naquela que hoje é a Rua Prior Nogueira e na casa que hoje tem o

(Continua na pág. 2)

## PAGAMENTO DE ASSINATURAS

A praga dos jornais de província é o atraso do pagamento das respectivas assinaturas.

Tempos atrás demos a entender que O Novo Fangueiro aguentava-se com as assinaturas e os anúncios que tem. Esquecemo-nos de dizer que esse equilíbrio só seria possível se os assinantes pagassem o jornal. Infelizmente isso não acontece e assim, tempos que avançar com dinheiro próprio. É um sacrifício que só se aguenta até um certo ponto. Em resumo: pague a assinatura.

## DONA ANA JARDINÉ LEITE MARIZ

(Continuado da pág. 1)

n.º de polícia 28. Isto é, hoje no centro da Vila!

Sua filha e principal herdeira, D. Antónia de Jesus Dourado, casou em 1871 com Joaquim Gomes Vinha, comerciante no Brasil, natural da vizinha freguesia de Fonteboa. Do casamento houve três filhos, Cândido, Deolinda e Artur Gomes Vinha. O filho Cândido casou com a farmacêutica Cacilda Capela (foi directora técnica da Farmácia Central, em Fão) e residiu no lugar de Prestar, em Barqueiros; a filha Deolinda casou com um comerciante da praça do Porto; e o filho mais novo, já falecido em 1903, foi casado com Albertina Nunes dos Santos e pai de Cândido Gomes Vinha. Este Cândido já foi citado pelo Dr. Saraiva pela sua faceta jornalística.

Tendo enviuvado, Joaquim Gomes Vinha veio a casar em segundas núpcias com Maria da Glória Vinha, natural de Fão e filha de Isabel Dias Barbosa e José Gonçalves Maneta (ou Manete), da Marinha Mercante. É deste segundo matrimónio que descendem os actuais Vinhas de Fão. Desta senhora contava o seu neto Dr. Alceu Vinha dos Santos, que quando cozia a fornada para consumo da casa, mandava sempre fazer um certo número de pequenas boroas que, pela calada da noite e acompanhada de uma criada, distribuía pelas portas das famílias mais pobres do Alto e do Ramalhão. Julgo que este episódio deve datar do período a seguir à primeira Guerra Mundial.

O seu a seu dono: os fontanários aos Veigas, a água a D. Ana Jardiné!

## FÃO: Que Futuro?

No Novo Fangeiro, Quim de Fão levantou muitas questões importantes para o futuro de Fão, muitas delas ao jeito de bandarilheiro Marialva no Campo Pequeno (só que os animais são outros...). Os Fangeiros, responsáveis pelo futuro da sua Terra, (atenção às vírgulas, senhor revisor, elas fazem aqui falta!) não devem deixar cair as ideias do Quim de Fão mas pesá-las, medi-las, analisá-las... e discuti-las. Para isso é que o Quim de Fão as expõe em público e por isso também é que eu farei o mesmo.

A estagnação de Fão é um facto.

Fão pouco tem progredido quer cultural, quer económica, quer socialmente.

Sousa Martins, nos anos 40, descobriu em Fão uma «galinha de ovos d'oiro» — o Mar, o Pinhal, o Rio — e tudo fez aproveitar os ovos sem matar a galinha! Vivia-se então uma época de miséria em Fão — a emigração para a Europa ainda vinha longe (estávamos em plena guerra) e o Brasil tinha sido chão que deu uvas. Sousa Martins, ao, idealizar o Ofir (sim, o Ofir existe quer queiram ou não bairristas exarcebados...) e ao transpô-lo para o terreno criou postos de trabalho e, principalmente, fez formação profissional... sem fundos da CEE. Podemos dizer que existe um Fão antes Sousa Martins e um Fão depois de Sousa Martins.

A planificação do Hotel Ofir, do Restaurante, das casas disseminadas pelo Pinhal, foi feita no respeito pela paisagem que Sousa Martins sabia ser a única coisa que tinha para vender.

Infelizmente, hoje há quem sonhe com a substituição do Pinhal e das dunas por betão, insurgindo-se contra a existência de uma *Área de Paisagem Protegida* que vem limitar (dizem) a iniciativa privada e o desenvolvimento de Fão.

Hoje, fala-se muito em *desenvolvimento* querendo fazer-nos acreditar que é sinónimo

de progresso e bem estar... Todos os que sentem na pele as consequências de políticas desenvolvimentistas sabem que a equivalência entre estes conceitos não é tão linear como isso: O desenvolvimento não implica necessariamente o progresso.

Para estes (neo-) liberais, limitar e disciplinar a construção no Pinhal (incluindo a beira-rio) é um erro. Vamos deixar construir o que quiserem, como quiserem e onde quiserem. Há 300 anos, a Revolução Francesa proclamava a liberdade individual, criava o *Cidadão*; mas reconhecia que a minha liberdade parava onde começava a tua! Os (neo-)liberais de agora não querem limites à sua liberdade. Seja essa liberdade a de explorar caulino no centro de Barqueiros ou extrair areias no rio Cávado. Preocupações ecológicas? Problemas de saneamento? Puff! Preocupações de meia dúzia de maduros. A maioria, essa, cala e, diz o ditado, por isso consente...

A construção desordenada e não planificada obrigará mais tarde ou mais cedo à ampliação da rede de saneamento, de distribuição de água e de electricidade. Essa ampliação tem custos, e todos estaremos cá para os pagar... sem bufar! Até lá, despejem-se as fossas para as margens do Rio, ponha-se em risco a saúde de todos nós... mas respeite-se a sacrossanta liberdade individual que não tem em conta a minha liberdade de passear à beira-rio, de, com meus filhos, tomar banho nas suas águas.

Definam-se áreas de crescimento urbano e industrial tendo em conta a paisagem, os problemas de saneamento e de acessos. Auxilie-se quem aí queira construir. Então Fão terá mais que desenvolvimento, terá *Progresso*, isto é, *mais bem estar* para os Fangeiros. Porque isto o maior bem estar, é que é o progresso.

JOSÉ CÂNDIDO



OFIR

### HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE  
TEL. 053 - 96 14 73/4  
TELEX 32857



## CURSOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE HOTELARIA

JOVENS ENTRE OS 18/25 ANOS

A MITUR - Sociedade Turística do Minho, Lda., vai levar a efeito no HOTEL DO PINHAL, uma acção de Formação Profissional patrocinada pela Segurança Social e pelo F.S.E. nas áreas de: MESA/BAR e ANDARES.

A acção em apreço terá o seu início a 02.05.91 e o fim a 15.10.91. Aos Formandos será assegurado subsídio de Formação.

Os candidatos devem dirigir-se ao HOTEL DO PINHAL para preencher a sua candidatura.

Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m<sup>2</sup>, frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m<sup>2</sup>, a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; bolte com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badminton, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

# OS NOSSOS ENTREVISTADOS

2

Pelo QUIM DE FÃO

D. Maria José Borda Rodrigues é actualmente a Directora da Escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico de Fão. Recebeu o cargo por votação e na sequência da representatividade da 2.ª Geração da família Borda Rodrigues que há mais de meio século vai alicerçando o ensino/educação de milhares de Fangueiros que pelas Escolas Amorim Campos já passaram quer pela primeira geração — a dos pais — e a quem Fão prestou homenagem na devida altura, quer pelas das filhas, hoje, representada na D. Maria José.

O Novo Fangueiro — Senhora Professora, D. Maria José, o que é ser directora da escola de Fão?

D. Maria José — Ser directora da escola de Fão é ser responsável pelo bom funcionamento de uma Escola de 172 alunos, 10 professoras e 3 Auxiliares da Acção Educativa, nos seus diversos sectores, não esquecendo a parte administrativa e burocrática. Mas isto seria muito pouco; a preocupação maior é, sem dúvida, o aspecto pedagógico e a ligação da escola com a comunidade. Sendo a directora um elemento dinamizador, não seria possível levar a cabo muitas realizações sem a colaboração, dedicação e empenho do grupo com quem trabalho. Mas a directora desta Escola sente ainda a responsabilidade de um cargo anteriormente exercido por pessoas que, com capacidade e dedicação, conseguiram pô-la em destaque.

O Novo Fangueiro — Como sente, hoje, o ensino, comparando-o com aquele que ministrou até à década de setenta?

D. Maria José — Segundo a minha opinião, hoje o ensino é muito mais atraente, menos monótono, mas também muito mais trabalhoso e difícil. É exigida ao docente uma maior capacidade de adaptação e de actualização.

O Novo Fangueiro — O papel dos pais faz-se sentir, como outrora, na educação/aprendizagem?

D. Maria José — Penso que esta questão tem muito a ver com o sistema de vida instituído na sociedade actual e com os princípios que a família defende.

Na nossa escola, de um modo geral, somos correspondidos na colaboração solicitada, mas esta, na maior parte dos casos, fica-se pelo aspecto material.

No dia a dia, com algumas excepções, o professor sente-se só e nota que a sua acção na sala de aula não tem continuidade em casa.

É mais fácil dar apoio material do que humano. Este exige mais de nós...

Por vezes a família exige muito do professor, demitindo-se, no entanto do seu papel de educador.

O Novo Fangueiro — Houve uma mudança social na comunidade fangueira. Novos empregos, mais cafés, mais televisões, mais infantários... Que reflexos trouxe à escola esta mudança?

D. Maria José — Trouxe aspectos positivos e negativos. Quanto aos primeiros, verificam-se menos carências de ordem económica; em relação aos segundos, a criança de hoje, confrontada com muitas solicitações, nem sempre bem geridas pelos agentes da educação, aparece-nos na escola como que perdida, incapaz de se concentrar minimamente no seu trabalho. São crianças que se mostram inseguras, inquietas e sempre insatisfeitas...

O Novo Fangueiro — No início do ano, o Corpo Directivo planifica não só a programação/aprendizagem como a interacção Escola/Meu. No que concerne ao primeiro aspecto, como vê, hoje, os programas, comparando-os com os do passado?

E no que se refere à Escola/Meu? Acha que

a escola de Fão «abana» com a família, no bom sentido?

D. Maria José — A meu ver, é arriscado fazer comparações complexas.

A evolução do ensino procura aperfeiçoar-se e encontrar metas que melhor possam servir o indivíduo e a sociedade. Neste sentido, os programas têm de se ir adaptando à realidade.

Para mim, mais importante que um programa é a forma como ele é posto em prática.

Ao professor cabe pôr a render as capacidades dos alunos, criando-lhes uma escola onde se possam expressar livremente, onde desenvolvam a sua criatividade e espírito crítico, onde se crie grande entusiasmo por «aprender a aprender».

O Novo Fangueiro — Este ano, uma das actividades programadas na interacção Escola/Meu está a viagem de estudo a Lisboa.

— Como se vai realizar? Quando?

— Que Objectivos? Finalidades?

— Que apoios? De quem?

D. Maria José — Nenhuma Escola pode desempenhar a sua função se não combina com a família.

A nossa inserção no meio tem tido aspectos interessantes e com boa receptividade.

Desta forma procura-se que a acção de educar seja obra de todos.

A viagem de estudo a Lisboa vai realizar-se nos dias 7 e 8 de Maio, de comboio à ida, e de autocarro no regresso.

O objectivo geral é proporcionar novas vivências às crianças, pondo-as em contacto com realidades diferentes. As visitas enquadram-se nesta viagem têm objectivos especiais e daí a sua opção, tendo em conta, sobretudo os interesses infantis.

Iremos ao jardim Zoológico e Aquário Vasco da Gama, ao Palácio de Belém onde seremos recebidos em audiência pela Dr.ª Maria barroso, aos Jerónimos e Torre de Belém, possivelmente ao Museu dos Coches e procuraremos dar uma panorâmica geral da cidade.

Surpreendeu-nos de forma gratificante a acção e o apoio a esta nossa iniciativa.

Queremos referir de forma especial a colaboração dada pelo Sr. António Sá Pereira, grande entusiasta por tudo o que é de Fão e que entre caminho especial pela Escola, pondo ao nosso dispor dois autocarros para a deslocação na cidade e viagem de regresso; temos ainda o apoio da Câmara Municipal, das empresas Impetus, Carper, Lavandarias Mónica, Julietta Dias, Paulino Lage e promessas de outras. Referenciamos também todo o interesse do Provedor da Santa Casa da Misericórdia, Sr. Celestino Morais, por meio do qual foram conseguidos os locais de alojamento e de refeições e ainda a interferência do Dr. Alfredo Tolentino Coelho junto da C.P.

O Novo Fangueiro — A última questão: A mais dolorosa. A Cantina Escolar Joaquim Mariz virou Posto Médico, provisoriamente. Os professores foram ouvidos?

— Apesar de não contestarmos o aproveitamento, não seria de manter o nome do benemérito?

— Quem manda em quem?

— E a velhinha Amorim Campos?

D. Maria José — Que eu saiba... os professores não foram ouvidos.

— A minha opinião é que deveria manter-se o nome do benemérito.

— A velhinha Amorim Campos está a ser ocupada pela Pré Primária, pelo Ensino Integrado e pela Biblioteca Anexa. A população escolar não justifica a sua utilização...

## BANQUETE

Vinde todos à festa da Natureza, À grinalda da Fauna e da Flora,  
Enchei a alma da beleza pura  
Que vem dos reinos límpidos da Aurora.

Vede a manbã de túnica lavada  
A pôr nos campos beijos perfumados,  
Olhai à noite a lua enamorada,  
Alisando os cabelos prateados.

Saboreai os frutos naturais,  
Vede os cardos agrestes com matizes,  
A vida descobri nos areais  
E a seiva crepitante das raízes.

Escutai as conversas dos pinheiros,  
Quando o vento transporta os seus laúdes,  
Ouvi barbas de melros nos salgueiros  
E os gemidos dos rios nos açudes.

Vede os braços azuis do firmamento  
Abraçando com luz o mundo todo,  
Sobre a terra surgir tanto rebendo,  
E rosas a nascer do humano lodo.

## DO BRASIL

Tivemos o prazer de cumprimentar em Fão, precisamente na Noite Fangueira, a nossa presada conterrânea Madalena Morgado, que vai passar entre nós uma temporada.

Ficamos contente por a ver. A Madalena é uma Fangueira de quatro costados. Falou-nos das suas irmãs: a Alice que está muito bem, muito obrigada. A Teresa, nossa companheira da 4.ª classe, parece que vem para o ano.

É-nos sinceramente agradável que os nossos conterrâneos que habitam lá fora voltem de vez em quando à terra-mãe. Além do mais serve para carregar as baterias de bairrismo.

## CHEGADAS

Já chegaram do Brasil onde estiveram cerca de um mês os nossos conterrâneos António e Óscar Viana. Nós, na notícia que demos da sua ida, trocamos o Óscar pelo Miro. Como se tratava de irmãos, não surgiu a costurada «Carta ao Director». Tudo bem. Já estivemos com o António que nos trouxe duas novas assinaturas: Jesus Gomes Viana e Sueli Viana Oliveira — Brasil. Foi giro.

Disse-nos ainda que esteve com o Maximino, esposa e filhos. Saudades, muita ânsia pela chegada de O Novo Fangueiro. Abraçou ainda o fangueiro por adopção «seu» Lemos. Parece que o intimou a visitar Fão todos os anos. O nosso total apoio. Esteve ainda com filhos e filhas de fangueiros que, mesmo não tendo nascido cá, estão mortos por conhecer a terra dos seus progenitores.

«O António e o Óscar estiveram em casa de seu irmão Jesus que provavelmente virá a Fão num futuro próximo.

## DESASTRE

O nosso prezado amigo Anselmo Fonseca, de Apúlia, sofreu há dias um acidente de automóvel que o deixou bastante mal tratado.

Felizmente que arribou e já está a trabalhar. Este devotado apuliense tem-se revelado um bom amigo do nosso jornal. Daqui lhe desejamos um pronto e completo restabelecimento.

## AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Então já pensavam que a Tia Mariquinhas tinha desistido da «meritória tarefa» de ajudar o vosso colesterol a dar umas subidinhas? Pois enganaram-se. O que acontece é que a vida por vezes complica-se e torna-se impossível atender a todos os compromissos. Mas cá estamos de novo, e aqui vão 2 receitas que esperamos sejam a vosso gosto:

### «SOUFFLÉ» DE MASSA

Ovos - 4.

Esparguete - meio quilo.

Farinha - 3 colheres de sopa, bem cheiás.

Margarina - 2 colheres de sopa.

Pimenta e sal - q.b.

Noz moscada - um pouco.

Coze-se a massa em bastante água, escorre-se e guarda-se a água. A seguir, corta-se a massa como se fosse hortaliça para esparregado.

A parte faz-se um molho branco grosso, desfazendo farinha num pouco da água da cozedura da massa e levando-a ao lume.

Junta-se a esse molho a margarina, a pimenta, o sal, e depois as gemas de ovo, mexendo bem. Deita-se então nesse molho a massa já cortada.

Vai novamente ao lume a levantar fervura e junta-se a noz moscada e as claras batidas em castelo. Põe-se num prato de ir ao forno polvilha-se com pão ralado e queijo parmesão e vai ao forno a alourar.

### MARAVILHAS

Farinhas - 150 gramas.

Manteiga - 50 gramas.

Açúcar - 50 gramas.

Ovos - 2 gemas.

Leite - q.b.

Sal - 1 pitada.

Amassa-se a farinha com a manteiga, o açúcar, o sal e as gemas e um pouco de leite, amassando tudo muito bem. Deixa-se depois repousar. Estende-se a massa com o rolo, corta-se aos bocados, com a forma que se quiser.

Fritam-se depois em manteiga e polvilham-se com açúcar e canela. E pronto. Oxalá o colesterol dê uma boa subidinha, já que esteve parado tanto tempo...

Um abraço da

TIA MARIQUINHAS

## CASA DO MINHO

### PROVA DE VINHOS VERDES

Realiza-se no dia 1 de Maio a IV prova de Vinhos Verdes na Casa do Minho. C/Surpresa.

### RANCHO FOLCLÓRICO (ANIVERSÁRIO)

Nódia 28 de Abril realiza-se o almoço de aniversário.

Ementa: Entradas, caldo Verde, Batatas fritas com arroz de feijão, Vinhos verdes, Fruta e Doce, Bolo de Aniversário, Bagaceira e Café.

Não será preciso dizer-vos que temos um dos melhores grupos de dança folclórica, também não será preciso informar que ele precisa urgentemente de Novos Trajos, porque os actuais estão em más condições, como Minbotos que somos, com o dever de preservar as nossas tradições e cultura não podemos simplesmente fechar os olhos. E já que não temos tido o apelo das entidades Responsáveis Minbotas, vamos nós colaborar, todos juntos não custa tanto.

Pelo Minho e Pelos Minbotos vamos dar as mãos, porque o homem sonha o Homem pensa a Obra Nasce. VAMOS TRABALHAR.

Com as maiores Saudações Minbotas.

A Presidente de Direcção  
Fernanda de Castro

## CÂMARA MUNICIPAL DE ESPOSENDE

### AVISO

Torna-se público que de harmonia com a deliberação do executivo, tomada em 14 de Março de 1991, a Tesouraria desta Câmara Municipal, encerrará os serviços ao público a partir do próximo dia 25, às 16 horas.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente aviso, que vai ser afixado nos lugares públicos do costume.

Paços do Município, 20 de Março de 1991.

O Presidente da Câmara,  
Alberto Queiroga Figueiredo

## CORTEJO ETNOGRÁFICO

Com a ajuda das crianças das Escolas de Fonteboa, Apúlia e Fão, desfilou pelas ruas da nossa terra um desfile etnográfico composto por onze carros alegóricos que representavam os distritos portugueses. Foi um número bem conseguido. Houve uma boa coordenação das escolas entre si, uma boa visão ou um bom conhecimento da característica principal dos vários distritos e um apuro responsável no arranjo do carro. Não há dúvida que nestas organizações os fangueiros esmeram-se e expressam um grau de cultura e de sensibilidade difíceis de superar.

Caso curioso: quando se anunciou realizações deste género, as ruas de Fão encheram-se de gente de fora, gente que não sai aborrecida como aconteceu no dia 24 de Fevereiro.

Foi um bom número das festas.

## TEXALVES

A Texalves é uma empresa dedicada a confecção de roupa para criança. Pertence aos filhos do nosso amigo Paulino Alves que são Maria da Conceição Barreiro Alves Serra, Maria do Rosário Barreiro Alves Pereira e Paulino José Barreiro Alves. Tem três anos de existência.

É isso mesmo que está a pensar: o pai Paulino criou a empresa e doou-a aos filhos.

Pois a Texalve montou pavilhão na última exposição de têxtil realizada na Exponor e na modalidade *Children* - roupa para criança - ficou em 1.º lugar, recebendo por isso um troféu e respectivo certificado.

Foi já há meses e só por um acaso fortuito tivemos conhecimento. É um motivo de orgulho para a terra. E disso damos aqui testemunho e apresentamos os parabéns. Pai Paulino aposta na qualidade.

Só a localização da nova fábrica, lá para os lados dos Veigas, é que nos está atravessada na garganta.

## PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS  
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telef. 672295 - 672450

Telex 25181 — 4100 PORTO

### ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — telef. 930647

4750 MATOSINHOS

## Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionário Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como de especialidade. Enriquizado não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do lecionário de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa - 6.ª edição - é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA LDA. Rua de Restauração, 355/4099 PORTO CODEX  
Livraria ARNADO LDA. Rua de João Machado, 9-11/Alfama 376/3007 COIMBRA CODEX  
EMP. L. FLUMINENSE LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/11200 LISBOA

# PÁGINA JOVEM

**Olá, jovens! Esperamos que tenham tido uma boa páscoa, com muitas amêndoas, muita alegria e também muitos bons resultados escolares. São esses os nossos votos.**

## A EXPLORAÇÃO

Por ROSA MARIA A. COSTA

(Continuado do número anterior)

Pelas estalactites escorriam grossas gotas de água, límpida, fresca, cristalina. Havia estalactites de todas as formas e feitios.

E assim, admirando isto, contemplando aquilo, ia crescendo o dia. Aproximei o foco do relógio e reparei que já era hora de comer qualquer coisa. Sentei-me numa pedra grande que ali estava e comecei a saborear a comida feita pela minha Mãe - estava deliciosa. Foi então que reparei que não podia prosseguir o meu caminho porque para além da pedra onde estava sentada havia um lago muito grande; a limpidez da água permitia ver-lhe o fundo, cheio de godos, pedras e pedrinhas. Mas, alongando o olhar, vi que a gruta continuava para lá do «grande lago» e era enormíssima, muito mais bonita e maior do que esta, para cá do «grande lago».

Arrumei a minha saca e pu-la às costas. Estava decidida a continuar com a exploração. Como o lago não era fundo, arregaçei as calças e caminhei por ali fora, até que reparei que já era tempo de voltar para trás, pois não tinha a mínima intenção de passar ali a noite. Tive, porém enormes dificuldades para encontrar o caminho de regresso, do qual me tinha esquecido completamente. Por fim, lá encontrei o caminho para o «grande lago» e, atravessando-o, continuei o meu caminho.

A certa altura, porém, verifiquei que aquele não tinha sido o caminho que eu tomei quando entrei. Depois de andar em vão às voltas, decidi retroceder até ao «grande lago» e aí verificar se haveria ou não mais do que um caminho.

(continua)

ESTA FOLHA TEM O  
PATROCÍNIO DE:

Impetus 

## EU SOU QUEM QUER SER O POETA

*Quem sou eu?*

*Eu, sou eu mesmo,  
Porque só eu penso assim.*

*Eu, sou eu mesmo,  
Porque só eu sinto,  
O que está dentro de mim.*

*Eu, sou eu mesmo,  
Porque só eu escuto  
As coisas diferentes do mundo.*

*Eu, sou eu mesmo,  
Porque só eu vejo,  
A razão no seu fundo.  
Eu, sou eu mesmo,  
Que me julgo a mim próprio,  
Que tenbo o pensamento isolado.*

*Eu, sou eu mesmo,  
Porque sou diferente,  
E não estou do meu lado.*

*Eu, sou eu mesmo,  
Porque penso nas coisas belas,  
E procuro transformá-las em poesia.*

*Eu, sou eu mesmo,  
Porque não sou outro  
Eu sou imitador da magia.*

*Eu, sou eu mesmo,  
Porque quero ser o poeta,  
Que ainda não atingiu  
A tão desejada meta.*

MARTA  
(12 anos)



Desenho de Maria do Céu

## PAUSA PARA SORRIR

Um casal que vivia na aldeia vai um dia à cidade. Num supermercado está em promoção uma série de produtos de beleza.

A menina encarregada da promoção lá consegue convencer a visitante a comprar uma colecção completa dos tais produtos.

A mulher, que não era nada favorecida pela beleza, logo que chegou a casa, começou a aplicar no rosto os cremes e pinturas, como lhe tinha sido aconselhado, na intenção de melhorar o seu aspecto.

O marido entra no quarto e, vendo-a naqueles trabalhos, em frente ao espelho, pergunta:

— «Que é isso, mulher? Que estás a pôr na cara?»

Responde ela, muito convencida:

— «Isto são cremes de beleza. É para eu ficar mais bonita!»

Pergunta o marido, perplexo:

— «E então porque é que não ficas?...»

★

Um homem muito desconfiado vai ao dentista, tratar um dente. Este explica-lhe que vai ter que lhe fazer uma pequena cirurgia.

— «Então vou adormecer?» — pergunta o homem.

Perante a resposta afirmativa do clínico, tira a carteira e começa a tirar para fora as notas.

— «Não se incomode, paga no fim» — diz o dentista.

— «Não é isso» — responde o homem — «Vou mas é contar o meu dinheiro antes de adormecer...»

## APRENDER AMIZADE

Fugiu-me uma lágrima  
Quando estava contigo.  
Era tão amarga  
Como ofensa de um amigo.

Por coisa insignificante  
Zangaste-te comigo  
E eu andei errante  
Sem entender o sucedido.

Para a inocência provar  
Não sabia o que fazer;  
A lágrima fui procurar  
Para ela mo dizer.

Soube que caíra numa rosa  
E que esta havia murchado  
Pois era tão dolorosa  
Que a rosa tinha matado.

A amizade é importante  
Não se deve destruir  
Não magoes o teu semelhante  
Só para te divertires.

Pois amigo verdadeiro  
Só verdadeiro será  
Quando sem medo nem freio  
Os braços abrir e perdoar...

TULIPA

# DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

## FUTEBOL

Campeonato da 1.ª Divisão Regional da A.F. de Braga.

Últimos resultados: Fão, 1 - Prado, 1; Ceramistas, 2 - Fão, 2; Fão, 5 - Palmeiras, 2; Vila Chã, 0 - Fão, 0.

Neste período o Clube de Futebol de Fão não realizou as exhibições a que nos habituou desde o início da 2.ª volta. Pelos resultados não se poderá considerar uma fase negativa pois que em todos os jogos se pontuou. Exceptuamos um em que a equipa jogou muito bem e que por motivo disso a goleada não foi um resultado exagerado. Até poderia ter sido mais volumoso já que o árbitro invalidou dois golos à equipa da casa, cometendo quanto a nós uma injustiça ao anular aquele bonito golo que (Didi) apontou.

Bem, mas se neste jogo tudo foi fácil, já o mesmo não se poderá dizer dos outros. Nos disputados fora de casa, em que o Fão defrontando duas equipas do fundo da tabela, jogou muito abaixo das suas possibilidades com jogadores que têm sido preponderantes na equipa a fazerem péssimas exhibições, o que se reflectiu na produtividade da mesma. Por isso mesmo não nos fica mal dizer que qualquer dos resultados foi lisonjeiro para o Clube de Futebol de Fão.

Repetirmos aquilo que sempre dissemos: que não perder fora é sempre bom. Mas neste caso, dada a fragilidade dos adversários, e recordando duas vitórias conseguidas fora através de óptimas exhibições perante difíceis adversários situados no cimo da tabela, pensamos que se poderia e deveria fazer muito mais.

Esperamos e desejamos melhores dias, já que se

avizinham dois grandes jogos: ir ao Marinhãs e receber o Apúlia.

## CANOAGEM

O atleta Belmiro Penetra, do Clube Náutico de Fão, foi distinguido pela Federação Portuguesa de Canoagem com o prémio de «Atleta Revelação do Ano - 90». Uma justa homenagem a este canoista (júnior) que tanto tem prestigiado o seu clube, e que ao serviço da selecção nacional se tem notabilizado pelos êxitos obtidos, realçando entre eles o título de Campeão Europeu de Júniores, conquistado em Inglaterra.



Belmiro Penetra, o campeoníssimo do C. Náutico de Fão

Também, a nível nacional, vários foram os títulos já conquistados em várias categorias.

Parabéns para o atleta, para o seu clube, dirigentes e englobando todos aqueles que têm ajudado esta colectividade.

Realizou-se no passado dia 30 de Março, em Prado, o Campeonato Regional de Fundo. O C.N. de Fão fez-se representar por 15 atletas, os quais obtiveram os seguintes resultados:

K1 Cadetes: Miguel Pedras, 3.º; João Santos, 4.º; Artur Hipólito, 5.º e João Serra, 7.º. C1 Cadetes: Hugo Moreira, 3.º. K1 Júniores: Belmiro Penetra, 1.º (Campeão Regional de Fundo); Luis Sousa, 2.º; Luís Faria, 3.º e António Roxo, 4.º. C1 Júniores: António Ferreira, (Tozé), 1.º (Campeão Regional de Fundo). K1 Séniores: Lázaro Penetra, 3.º; João Anunciação, 7.º e Gustavo Costa, 8.º. C1 Séniores: Emílio Araújo, 2.º e Carlos Vieira, 3.º.

O Clube Náutico de Fão classificou-se na 2.ª posição.

No próximo fim-de-semana (6-7 de Abril) o C.N. de Fão irá participar no campeonato nacional de fundo em Óbidos.



Os mais jovens campeões nacionais do C. Náutico de Fão. K4 5000 m - Infantis: Miguel Pedras, Alberto Ferreira, Hugo Moreira e Artur Hipólito. Campeonato Nacional de Velocidade.

# PORQUE VEM DE TÃO LONGE A MINHA MEMÓRIA?...

Por ANTÓNIO AGONIA PEREIRA

(Continuado do número anterior)

Estávamos no início da campanha eleitoral. Arquitecto Magalhães, A. Agonia Pereira, Berta Monteiro, Manuel do Vale, Alcino Magalhães e outros, fomos nomeados pela Comissão Distrital para integrarmos de pleno direito a Comissão Concelhia de Esposende, pró General Nortam de Matos, candidato à Presidência da República. Pessoalmente, aproveitava todos os sítios e momentos disponíveis para fazer propaganda. Uma noite, depois de uma breve passagem pelo Club Fãoense, dirigi-me para o Café «Galo D'Outros» que tinha apenas meia dúzia de pessoas. (Naquele tempo era assim).

«Até que enfim aparece um Homem que vai meter o ditador Salazar na ordem» — disse alguém. Aproveitando-me do bom professor Pio Rodrigues que estava encostado ao balcão disse: «Quantas vezes o senhor há-de ter sentido o coração apertar-se ao verificar que a maior parte dos seus alunos vão para a escola cheios de fome e de frio... Que interessa que os cofres do Estado estejam cheios se é à custa da miséria do Povo?»

As escolas de Fão e não só, deviam ter Cantinas... Mas já que o ditador as não mandou fazer, vamos nós tentar por elas?... Pio Rodrigues agarra-me num braço e diz:

— Sentemo-nos e explique-me como...

— Fazemos um sortido e mandamos bilhetes para todas as Escolas de Portugal. Para ter êxito é necessário que meia dúzia de pessoas se responsabilizem pelos prémios, entre eles um autómovel. Eu sou a primeira. Quer ver a segunda?... Chamei pelo dono do Café, Manoel Ramos Ferreira, que não só acabou a ideia maravilhosa como se pôs inteiramente ao nosso dispor.

Pio Rodrigues, visivelmente entusiasmado, pede-me nomes. Eu dei-lhos: António Agonia Pereira, Manuel Ramos Ferreira, Professor Pio Rodrigues, Albino Torres, Comandante Teixeira, Prior Nogueira e António Silva. Decorreram três dias e fizemos a primeira reunião na escola. O professor pede-me para eu explicar... Logo que

acabei de falar, Albino Torres disse que também ele se responsabilizava pelos prémios. Segunda reunião e a maioria entende que se façam duas subscrições: uma no Brasil e outra em Fão para se conseguir dinheiro para os prémios.

A de Fão entrou logo em actividade e entretanto o Professor escreve para o Brasil ao seu cunhado Manuel Pinheiro Borda. Passado algum tempo, Artur Sobral vem a Fão e resolve dar forte empurrão à subscrição do Brasil.

Respeitante à «Cantina»... finaliza e muito bem... O dr. Armando Saraiva.

Vou continuar porque a única maneira de renovar meu ar, é recordar...

Princípio por mencionar pessoas relacionadas com o que quero expôr e que felizmente pertencem ao número dos vivos: Dr. Jorge Barrote, António da Costa Leme, Artur Sobral e a minha pessoa.

Noite de trabalho. Já madrugada, o Dr. Barrote bate-me à porta e diz: «Venho pedir-lhe para que acete a Vice Presidência da Direcção dos Bombeiros». «Está bem», respondo-lhe, «mas vou lembrar as pessoas com quem quero trabalhar: Dr. José Vinha Novais, Américo dos Santos Saraiva, Rufino da Silva Barreiro e José Araújo Costa». Foi aprovada a lista com o Dr. Barrote a Presidente. Principiamos a trabalhar. Havia muito que fazer: Criar receita diária, pequena biblioteca, nomear comandante, recaudo a escolha no meu amigo Escultor António Esteves. Se o que acabo de mencionar havia pressa em resolver, tornava-se inadiável a aquisição de um pronto socorro fechado porque o que existia ia ficando pelo caminho e como era descoberto, alguns bombeiros foram vítimas de doenças entre eles, julgo, o seu jovem Comandante José Maria Evangelista. Lembro o caso do Porfírio, marido da Ana Bispa. Apagar um incêndio com esforço exaustivo, a transpirar, meterem-se depois no pronto socorro descoberto era muitas vezes constipação, pneumónia e morte. Impunha-se não sujeitar os bomes que dão a vida pelo seu semelhante a perigo tão evidente.

Logo se principiou a trabalhar no sentido de se conseguir um Pronto Socorro fechado.

No ano seguinte, eu fui nomeado Presidente, Albino Torres, Vice Presidente e Manoel Sacramento, secretário. Os restantes foram os mesmos do ano anterior. Infelizmente o Dr. Vinha Novais, elemento inteligente e cheio de qualidades de trabalho, teve de se ausentar de Fão. No primeiro ano da minha Presidência, a Direcção não descurou os outros problemas, mas o Pronto Socorro teve prioridade.

No terceiro ano foi substituído o primeiro secretário e nomeado o Professor Pedras. Foi para mim, como Presidente da Direcção dos Bombeiros, um ano trabalhoso e cheio de dificuldades... Aproximava-se a data para novas eleições mas o ambicionado Pronto Socorro estava em Braga a receber os últimos retoques, «praticamente, pronto e pago».

Para a inauguração era preciso fazer-se festa condigna. (Eu não vou muito em festas)... A Direcção não tinha dinheiro para a festa. Entretanto Artur Sobral chega do Brasil e resolve entregar à direcção dos Bombeiros o dinheiro que tinha prometido na Câmara Municipal de Esposende para que a água viesse para Fão. O então Presidente António da Costa Leme insurge-se contra a atitude do Sobral. Eu, na qualidade de Presidente, peço benevolência e compreensão para o gesto do Sobral, argumentando que a Câmara havia que subsidiar tais melhoramentos para os Bombeiros.

Finalmente e decorridos alguns dias, Costa Leme, visivelmente contrariado, acaba por concordar. Agradeço e pedi para reunirmos os quatro. Ele, eu o Comandante Esteves e Artur Sobral, o que aconteceu. Convidamos para a festa as seguintes entidades: Corporações de Esposende, Barcelos e Póvoa. Inspector da Zona Norte, Governador Civil e arcebispo de Braga. Grande festa...

Digo com verdade. Com dinheiro de Sobral ou sem ele, com festa ou sem festa, os Bombeiros tinham o seu «Pronto Socorro».

Quarto ano: Direcção, a mesma, excepto o secretário que foi substituído por António Devezas Sá Pereira. Não era possível ter-se encontrado melhor elemento.

# FÃO E A SUA ÁGUA

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

A água, esse bem precioso, sem o qual a vida não é possível e que tão mal tratado tem sido neste último meio século!

Não foi por acaso que as grandes cidades foram construídas nas margens dos grandes rios: Lisboa - Paris - Londres - etc.

A humanidade procurou desde sempre fixar-se onde a água se encontrava, pois sem ela a humanidade se extinguiria.

Fão, nasceu também na margem do Cávado, mas próximo da sua foz e entalada entre o mar e o rio.

Devido à proximidade do mar, as marés subiam rio acima, como ainda hoje o fazem, tornando a sua água salgada, e como tal, imprópria para consumo.

A população de Fão, procurou então abastecer-se com as águas subterrâneas, abrindo poços.

Todos aqueles que possuíam um quintal, por mais pequeno que fosse, construíam lá o seu poço particular. Porém, a maioria das casas não possuía quintal e assim houve necessidade de se criar poços públicos que foram construídos no centro das praças ou largos. Dois desses poços chegaram até nós avós, isto é, até finais do século dezanove. Um situava-se no Largo Manuel de Magalhães, mais conhecido pelo Largo do Fontes. Nessa altura era conhecido pelo Largo do Poço. O outro situava-se onde é hoje o Largo Amândio Teixeira.

Este sistema de abastecimento de água a Fão manteve-se até à chegada do Brasil, do grande fangueiro que foi António Veiga. Este ilustre filho de Fão, além de outros melhoramentos como seja a estrada do mar, dotou Fão com água potável em 1894.

Construiu dois fontenários, um no Largo da Praça, outro na Alameda do Bom Jesus. A água fora canalizada desde a Roteirba, água que a sua proprietária por escritura doou à Junta da freguesia de Fão.

Este sistema de abastecimento apenas favorecia o centro da terra. Zonas como o Ralmalhão e as Pedreiras continuaram a abastecer-se da água dos seus poços particulares.

Esta situação manteve-se, até 1957, data em que a Câmara Municipal resolveu dotar Fão com o sistema de distribuição de água ao domicílio. Para tal foi construído, nas proximidades de St.º António, um sistema de captação de água com torre elevatória para assim ser possível abastecer totalmente Fão. Construiu-se a rede de distribuição que incluiu as Pedreiras.

A Câmara Municipal de Esposende fixou editais dando um prazo para os futuros consumidores requererem a ligação às suas casas.

A maior parte da população deu cumprimento ao determinado, pois para eles a água em suas casas era de grande utilidade.

O povo das Pedreiras, porém, não pensava da mesma maneira, pois pode afirmar-se que cem por cento possuía poços particulares, e a ligação à sede de abastecimento era um encargo que eles não estavam dispostos a suportar. Como tal, ignoraram a imposição. A Câmara depois de expirar o prazo anunciado, e como o povo das Pedreiras se mantivesse firme na sua determinação, mobilizou uma equipa de trabalhadores, requisitando ao mesmo tempo uns praças da G.N.R. para lhes dar protecção. Dispuseram-se a rebentar as casas

para fazerem as ligações da água, só que as mulheres das Pedreiras de ancinbos na mão, não o permitiram, tendo os invasores que pedir ajuda à G.N.R. de Barcelos. Então aí não houve mais nada a fazer. Contra a força não há resistência. As casas foram rebentadas e lá colocadas as tomadas da água que a maioria não consumia mas tinha que pagar a taxa mínima.

O autor destas linhas encontrava-se em África e como tal não precisava de água em sua casa. No entanto teve tratamento igual aos outros, tendo que pagar a ligação à rede, que na altura eram quatrocentos e tal escudos, e pagar todos os meses o consumo mínimo.

Esta situação hoje parece-nos caricata, mas é um espelbo da prepotência da ditadura.

## CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

Depois dum longo inverno, chegou finalmente a Primavera.

Com ela, como acontece todos os anos, vem a esperança, o sonho e a energia para realizar aquilo que desejamos. Nem sempre assim acontece.

Os dias passam, as dificuldades aparecem, o desânimo apodera-se de nós e aquilo que era quase uma certeza envolve-se em núvens de dúvida e o desalento triunfa.

É preciso nessa altura fazer nascer então uma outra primavera.

Não aquela que é marcada pelo calendário, mas a que vive em nós eternamente.

Nunca devemos deixar morrer no nosso espírito, a alegria e a energia que faz crescer a vontade indomável para realizar os nossos desejos.

Querer é poder.

Há homens e mulheres que ficaram como exemplos através dos séculos, dando um exemplo ímpar da sua energia e tenra idade. Uns como heróis, outros como homens santos, ou sábios, que nascendo em lares humildes, atingiram, no mundo, lugares destacados.

Para esses homens não havia estações do ano a nortear as suas vidas.

O seu calendário revestia-se de trabalho, de apego ao estudo, de esperança, mas também da certeza de atingirem o seu alvo.

Actualmente a mocidade, embora como uma certa concorrência, tem ao seu dispor umas tantas facilidades que outrora não tinha.

Há cursos sobre todas as actividades, há uma abertura em quase todos os sectores e o aspecto financeiro também é totalmente diferente do que era há 30 ou 40 anos atrás.

É preciso que os jovens saibam aproveitar essas oportunidades e agarrem com as duas mãos essa dádiva.

Antigamente a juventude singrava passo a passo.

Muitos rapazes trabalhavam de dia, sem condições e à noite lá iam para as aulas, mal alimentados, sem apoios, a não ser a sua indomável vontade de ser alguém.

Quantos homens que foram célebres, passaram fome, vivendo em quartos húmidos, sem conforto e sós... Quantos só tinham, como companhia, a sua fé, e o seu desejo de singrar na vida.

A esperança era uma dádiva que eles guardavam religiosamente. Quantas prima-

Logo que a maioria do povo passou a gastar água domiciliária, esta mostrou-se insuficiente e houve necessidade de fazer nova captação com torre elevatória, lá para os lados da Bonança.

Mas a água continuou a faltar até porque Esposende passou a gastar água de Fão.

Só no princípio da década de oitenta se foi buscar água ao Rio Cávado, bem a cima da sua foz, no Marachão. Foi construída uma estação de bombagem e tratamento de água, mas também aí, e apesar dos grandes investimentos, a água não tem sido da melhor. Problemas da poluição do rio? Talvez, mas como se explica que há bem pouco tempo essa água fosse salgada?

Leva a pensar que os entendidos também falhado em alguma coisa.

É de salientar que há cerca de um ano a esta parte a água se apresenta bastante melhor. Pelo menos é incolor.

veras floriam ao seu redor e eles sem poderem comprar uma flor.

Mas no seu íntimo, lá riava a esperança de terem um dia um jardim...

E foi essa esperança, essa vontade de vencer, que fez deles grandes exemplos da História.

Portanto a primavera não é só o bom tempo, o sol e as flores.

É muito mais.

É o amor entre os homens.

É o calor da fraternidade.

É o sentido da solidariedade.

É o desejo do perdão.

É o valor da humildade.

É o sublime sentimento da amizade.

Vamos abrir o coração à Primavera; deixar entrar o sol da esperança, guardar o seu calor e espalhá-lo à nossa volta.

Para todos aqueles que escrevi, guardai dentro de si eternamente a chuva benfazeja da Primavera.

## O BRASÃO DE FÃO NAS FESTAS DA VILA

Como motivo preponderante do cartaz das festas, a respectiva Comissão, que se apoia essencialmente na Junta de Freguesia, escolheu aquilo que será o verdadeiro «brasão de Fão» e de que há um exemplar na frontaria da capela de St.º António.

Já em tempos demos notícia neste jornal acerca do dito exemplar. A parte superior é constituída por uma torre ameçada que tem à sua direita uma igreja e esta por sua vez tem também à sua direita um cruzeiro. Pensam algumas pessoas que estes elementos iconográficos estariam relacionados com o martírio de S. Paio que, como se sabe, é o padroeiro de Fão.

Na parte inferior está um barco que tudo indica ser um xaveco com três mastros, indicio da vida essencialmente piscatória que levavam os fangueiros alguns séculos atrás. (1) Eram essencialmente lavradores e pescadores. Em 1758 assim o confirma o pároco de então na «Memória Paroquial» que lhe foi pedida.

Achamos feliz a escolha do «brasão» pois deste modo as pessoas começam a habituar-se.

(1) S. Paio de Fão por António Losa in Boletim Cultural de Esposende de Junho de 1984.

# CARTAS AO DIRECTOR

MEU BOM AMIGO, escrevo-te cheio de vergonha: por isto ou por aquilo nunca chego a estar contigo quando suponho fazê-lo e o meu «calote» de «O NOVO FANGUEIRO» vai crescendo! Segundo as minhas contas devo 3 anos, incluindo o que está a correr - mas tu depois me dirás se não for assim. Por isso, aqui vai o m/cheque n.º 958364/BPSM/Barcelos, de Esc. 3.000\$00 para pôr a escrita em dia, salvo erro ou omissão...

Tenho-te certinho todos os dias 10 de cada mês, através daquelas folhinhas giras e com características muito pessoais que são «O NOVO FANGUEIRO» e que leio de fio a pavio, incluindo anúncios, «Página Jovem» e «Folha Agrícola»... Desse privilégio só se pode gabar o «Tal & Qual» e não esqueças que sou leitor itinerante de jornais! Ainda por cima não te leio na «diagonal»!

Ainda no último número me congratulei com a tua reeleição para Presidente da A.G. da Comissão Política Concelhia do PS. HOMEM DAS ARÁBIAS! E a propósito, não tenho a certeza, mas julgo que o pintor PAULO VILAS BOAS, de Barcelos, com várias exposições e um livro publicado sobre a região, é parente (sobrinho?) do DR. MANOEL PAES, que creio ter sido seu tio-avô ou bisavô. Este Paulo conheci-o há anos, quando da minha passagem pelo Sá da Bandeira, colaborava ele na pintura de cenários, publicidade e cartazes de que era responsável um velho amigo, o Filipe, posteriormente radicado em Lisboa, creio que como professor ligado às artes. O Vilas Boas já tinha quadros, ninguém o conhecia, esgravatava como podia sempre revoltado com a falta de oportunidades para os novos - a velha «estória» do costume, que conheces bem como Homem atento ao que se passa à tua volta. Diziam-me o Filipe e o «Manel» João que o Paulo, apesar de meio contestatário e vivendo ao tempo com certas (bastantes, direi eu) dificuldades, era originário de uma família que fora muito influente em Barcelos, daí a minha conclusão ao ler o teu «PERFIL DE HOJE». Outros pormenores já se me varreram da memória, pois isto que te contei já se passou talvez há vinte anos...

Também estou plenamente de acordo com o teu «EDITORIAL» deste mês - oxalá que o referido «atraso» se mantenha para bem dos amantes de Fão onde orgulhosamente me incluo, sejam ou não naturais, sejam ou não residentes. Hoje Fão com as suas ruínas estreitas, algumas das suas lojas antiquadas e a quasi ausência de trânsito automóvel é uma relíquia que só os atrasados mentais não quererão preservar, até que por esse mundo fora já não haverá tantos lugares como este, sem nada artificial - Fão é como é! Se eu mandasse já tinha proibido a circulação automóvel, desde o coreto, a sul, até ao largo dos bombeiros, a norte, e a malta, a família Saraiva incluída, fazia uns higiénicos e saudáveis passeios para se deslocar ao coração da vila, p'ra ir «enfardar» à RITA, p'ra ir ao barbeiro, etc. Afinal são distâncias tão pequeninas!

Venho seguindo com atenção «África,

Adeus», principalmente levado pela curiosidade de quem foi à guerra mais como observador atento que já nesse tempo gostava de ver «in loco» as coisas para não ser levado por relatos tantas e tantas vezes deturpados e até mentirosos. a série de crónicas do teu jornal traz-me mais umas achas para a fogueira do dossier «ÁFRICA», a par de recordações bem dolorosas, como quando se refere ao Robles de triste memória (leste o «EXPRESSO REVISTA» do passado dia 16 de Março?) que ainda tive a desdita de encontrar pela frente. Um dia, se estiveres disposto, terei uma história linda para te contar deste personagem, CRIMINOSO DE GUERRA que eu, INOCENTE & LÍRICO, na minha boa fé pensei que iria ser julgado, juntamente com o Saraiva, o Pimentel, o Mata e outros, num Tribunal como o de Nuremberg, após a «Revolução dos Cravos»... Quem me F..., Amigo Saraiva!!!

Estou mas é a estender-me na escrita. AQUELE ABRAÇÃO do AMIGO.

JOÃO BARROS

★

Ex.mo senhor  
Armando saraiva

Tomei há dias contacto com o Jornal que V. Ex.ª dirige que muito apreciei por razões várias e mais exactamente o N.º 78 de 10 de Novembro do ano passado no qual vinha inserido um artigo sob o título «um perfil de hoje» referente a meu avô Amândio d'Oliveira Teixeira que me deixou muito sensibilizado não só pelas referências à família da minha mãe; mas sobretudo pela análise cuidada e sensível da personalidade de meu avô de quem guardo as mais gratas e profundas recordações.

Registo sobretudo a nobreza de carácter de V. Ex.ª no evocar carinhosamente a sua figura passados tantos anos sobre a sua morte.

Relativamente à família propriamente dita, tomo a liberdade de lhe dar uma pequena ajuda no sentido de completar os elementos expostos no referido artigo. Assim, esclareço: o meu bisavô Amândio de Jesus Teixeira cujo nome figura no largo da nossa casa; não tinha só os filhos que V. Ex.ª enumera uma vez que tinha mais dois rapazes - Manuel e José. Ambos viveram e morreram no Brasil tendo este último deixado dois filhos, uma rapariga - Maria José e um filho - Amândio actual representante por varonia da família Teixeira. Vivem em S. Paulo.

A nossa casa foi mandada edificar por um nosso antepassado e licenciado João da Graça Teixeira + - 1715 encontrando-se esta data gravada no pial numa porta de uma casa que se situa em frente da nossa, por sinal virada ao contrário e pertencera ao lintel numa porta da casa entretanto deitada abaixo para abrir a garagem que ainda hoje existe.

Um bisneto do fundador, Manuel Joaquim Teixeira pai do meu bisavô foi cirurgião-mor do reino e meio irmão do meu bisavô foi general médico militar e deputado às constituintes. Uma irmã deste - Virgínia ainda conheci muito bem

e viveu também na referida casa. Este ramo Teixeira é proveniente da Póvoa de Lanhoso donde saíram em 1600 e tal consorciando-se com a família originária de Fão - Pinheiro e Villas Boas.

Deste ramo Pinheiro eram e são os nossos parentes Borda, Vila Chã e Nunes.

Tudo isto para lhe dar conta da profunda ligação da nossa família às terras de Fão onde repousam também os nossos mortos.

João Betencourt

★

N.D. — Estas cartas, qualquer uma delas, agradaram-nos sobremaneira. São verdadeiramente estimulantes. E convencem-nos de uma coisa: «O Novo Fanguero» ajuda as pessoas a gostarem de Fão.

É o que mais nos interessa.

## COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO

No próximo dia 13, pelas 20,30 horas realiza-se a Assembleia Geral Ordinária com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Aprovação das contas relativas ao ano de 1990;
- 2 — Eleição dos Corpos Gerentes para o próximo biênio;
- 3 — Discussão de assuntos de interesse geral.

## AGRADECIMENTO

### EMÍDIO FERREIRA MORAIS

A família de Emídio Ferreira Morais vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram aparecer no seu funeral ou por outros meios lhe manifestaram o seu pesar.

## DE REGRESSO

Os Zés (Sá Pereira e Barbeiro) que foram de abalada até França, na companhia das esposas, já regressaram aos pátrios lares. Estiveram primeiro em Grenoble onde contactaram com os seus familiares. O Zé Barbeiro tem lá dois filhos: Zezinho e Lipo. Estão igualmente naquela cidade francesa os nossos conterrâneos Elias, Carlos e Lando Graça, irmãos do Zé (Barbeiro) e ainda o Iaúca (Manuel Graça) que é primo destes Graças.

O Zé Sá Pereira deu ainda uma saltada a Paris e visitou lá o seu parente, o patriarca Reinor. O Reinor parece que se aposenta para o ano que vem, mas não sabe neste momento se depois vem para cá ou se fica lá onde tem numerosa filha-rada. Seis ou sete filhos?

Entretanto a barbearia da Travessa Azevedo Coutinho já iniciou as suas fainas críticas, uma vez que o quadro do pessoal já foi preenchido.





(Continuado da pág. 9)

ticidas e acaricidas sistémicos com êxito, como por exemplo o dissulfatião, o oxamyl, etc., embora os produtos nomeados não estejam ainda em comercialização em Portugal. Nota-se, em todô o caso, ainda pouca experiência nesta matéria.

Uma das vantagens da rega gota-a-gota, sobre os outros métodos, é a inexistência ou diminuição de ervas daninhas nas entrelinhas, devido ao facto de estas não serem irrigadas, diminuindo assim mondas e grangeios. No entanto, as linhas, que são bem providas de água, encontram-se normalmente cheias de ervas daninhas, devendo ser mondas manualmente ou quimicamente, ou, em pomares, caso a distribuição das árvores o permita, mecanicamente.

Um dos grandes problemas que tem aparecido na rega gota-a-gota é a obstrução dos gotejadores com algas.

Para se eliminar este inconveniente,

empregam-se vários compostos como o hipoclorito de cálcio, o cloro ou o sulfato de cobre.

O produto geralmente mais empregado é o hipoclorito de cálcio, havendo tabletes deste produto específicas para este efeito.

O hipoclorito de cálcio pode ser aplicado no tratamento de tanques, poços e de instalações de rega gota-a-gota; no entanto devem-se tomar precauções, principalmente se a água for rica em cloretos, visto concentrações elevadas poderem prejudicar intensamente as plantas. Nestas condições é conveniente nunca se adicionar mais que 2 ppm de hipoclorito.

A aplicação deste produto nas tubagens de rega gota-a-gota é feita normalmente durante cerca de 30 minutos; pode ser aplicado no filtro de brita da instalação ou ser aspirado directamente pela instalação de bombagem. Deve-se, neste caso, retirar o adubador da instalação, dado que o hipoclorito poderá reagir violentamente com resíduos do fertilizante

**NOVO**

A MATÉRIA ORGÂNICA  
É A BASE  
DA  
FERTILIDADE

**ESTREGUANO**

É UM PRODUTO  
EXCLUSIVO  
DA

**ESTRELA ADUBO**  
Fábrica de Adubos Orgânicos, Lda  
Rua, 107 - Monte Estoril  
2100 Estoril Adubo P. - Tel. 610221/61242 - 61263  
Apert. 1948 - 3500 VIREM

## CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR A3 AM



PORMENOR DE QUEDA DE CALIBRADOR POR PÊSO



CALIBRADOR POR PÊSO 4 LINHAS



DESCARREGADOR E ELEVADOR



TAÇAS DE CALIBRE POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

utilizado, formando-se produtos muito tóxicos. Enquanto se estiverem a tratar os tubos e os gotejadores da instalação, deverão afastar-se das linhas das plantas cada um dos tubos que contém os gotejadores para que a água proveniente da lavagem se não infiltre nesta zona, a fim de não afectar as plantas. Depois da limpeza, deve-se lavar toda a instalação sempre com água limpa, a fim de que não fiquem resíduos nos tubos. Sobre o número de tratamentos a efectuar serão em princípio 2 suficientes: um no fim da campanha de rega e outro antes de se recommençar a regar, visto ser justamente durante o período de repouso da instalação que se dá o desenvolvimento de algas.

### VANTAGENS E INCONVENIENTES DA REGA GOTA-A-GOTA

#### Vantagens

- 1.º) — *Maior economia de água*, devido a menos perdas por evaporação e a ser regada apenas uma pequena zona à volta da planta; consome-se em média 40/50% da água que é utilizada na rega por aspersão.
- 2.º) — *Menor mão-de-obra*, visto a instalação ser totalmente fixa.
- 3.º) — *Economia de energia*, devido a menores caudais utilizados e à pressão relativamente baixa com que funciona.
- 4.º) — *Diminuição de doenças nas plantas*, devido ao não humedecimento da parte aérea.
- 5.º) — *Aplicação de trabalhos culturais entre as linhas mesmo com a instalação a funcionar*, devido ao não humedecimento das mesmas.

TELEF. 044/81 23 22  
FAX 044/81 23 02  
TELEX 43811

**SONDECA**

APARTADO 12  
PARCEIROS  
2401 LEIRIA CODEX

(Continua)

# EM DEFESA DO AMBIENTE

Em crónica anterior (N.F., Agosto) chamávamos a atenção para o estado deplorável das margens do Cávado, a juzante da Ponte. A situação denuncia-se resulta, indubitavelmente, da poluição local.

Mas não só esta poluição afecta o nosso (outro-ra) belo Rio. Em Agosto de 1986 a Associação ESPAÇO LIVRE levou a efeito a «1.ª Quinzena de Sensibilização Para a Defesa do Cávado», durante a qual foram denunciadas as principais fontes poluentes do Cávado, desde a nascente até à Foz. A situação (se não piorou) não melhorou até agora.

Vejamos os tipos de poluição e a sua quantificação:

**ACTIVIDADES POLUIDORAS:** a) Actividades Agro-industriais; b) Actividades Industriais; c) Actividades domésticas.

a) Fontes poluidoras: pocilgas, matadouros, salas de ordenha, Fertilizantes e Pesticidas.

b) Fontes Poluidoras: Indústria cerâmica e indústria têxtil, tinturarias.

c) Fontes Poluidoras: Águas residuais.

As actividades a) e b) são responsáveis pela poluição química das águas: as a) e c) pela poluição orgânica.

Ambas perigosas para o ambiente, são as primeiras as mais perigosas pelas quantidades de produtos químicos lançados no Rio e pelo efeito cumulativo desses produtos (não degradáveis). Os números então avançados por um especialista da U:M: são impressionantes.

Detergentes de composição química variável: 2,5 a 3 ton/dia.

Cloreto de sódio (o vulgar sal das cozinhas): 20 a 25 ton/dia.

Hipoclorito de sódio (lixívia): 2,5 a 3 ton/dia.

Hidróxido de sódio (soda cáustica): 1,5 a 2 ton/dia.

Peróxido de hidrogénio (água oxigenada): 2 ton/dia.

Corantes (compostos orgânicos e organo-metálicos contendo cádmio, mercúrio e chumbo): 2 ton/dia.

Águas residuais de uso doméstico: são lançados ao Rio 50 litros/segundo! E que contêm esses 50 litros? Dejectos, lixívias, detergentes que vão contaminar química e bacteriologicamente a água... a água que é captada no Marachão para nós bebermos!

A principal fonte poluidora, todos os sabemos, é a Indústria Têxtil que vai proliferando pelas mar-

gens dos rios (ao Ave já o mataram!) porque aí encontraram um sistema de esgotos prático e económico!

O perigo para as populações resulta de:

— contaminação química das captações de água para abastecimento público;

— contaminação dos produtos hortícolas pela utilização de águas altamente poluídas nas regas;

— contaminação química e biológica das águas que inutilizará o Rio como polo de atracção turística e para a pesca.

Se tu, Leitor, não te impressionas com os números citados; se achas que tudo está bem e como o Doutor Pangloss do *Ingénuo* (\*), achas que vives no melhor dos mundos possível; se julgas que tudo se resolverá com passeios mais ou menos turísticos até aos açudes de Perelhal; Leitor, é porque estás mais morto que o próprio Rio! É que a primeira propriedade da matéria viva é a de reagir às agressões do ambiente.

\* *Romance de Voltaire. Sobre este romancista e filósofo, a RTP passou a série «Um homem dos diabos».*

J.C.



**Optica**  
**Oliveira**

ALEIXO FERREIRA, LDA.

BRAGA.

**GABINETE DE CONTACTOLOGIA**

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA

## O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:  
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva  
Maria Emília Corte-Real  
Tia Mariquinhas  
Fernando de Almeida  
Cecília de Amorim  
Dinis de Vilarelho  
José Ramos da Silva  
A. Ramos Assunção  
Quim de Fão  
Agonia Pereira  
João Pedras

PROPRIEDADE:  
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:  
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
R. de Cima n.º 5 - Fão  
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII - Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:  
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

## COMEMORAÇÕES DO DIA MUNDIAL DA FLORESTA

Desde 21 a 28 de Março esteve patente ao público uma exposição de trabalhos de alunos da Escola Preparatória de Esposende, elaborados no âmbito da disciplina de Educação Visual.

**DIA DA ÁRVORE - 21 de Março de 1991**



**A FESTA DA FLORESTA**

**DE LUTO**

Pelo falecimento do seu pai encontra-se de luto o nosso amigo e assinante Dias das Almas.

Os nossos pêsames.

# FESTAS DA VILA

Sobre as festas do Senhor de Fão já nos referimos com certo detalhe à Noite Fangueira.

No próximo jornal falaremos com maior amplitude.

Agora pretendemos fazer apenas uma síntese dos vários números que constituíram as festas. Na verdade foram os maiores festejos a que assistimos desde sempre. Verdade que o tempo também ajudou, mas sobretudo houve muita imaginação por parte dos responsáveis. Os números foram todos espectaculares. O fogo do rio, o fogo da terra e a caxoeira deslumbraram verdadeiramente os espectadores. Nunca se viu uma coisa assim. E os de Fão mais contentes ficam porque os de Esposende (o eterno inimigo) não têm ponte para fazer coisas bonitas.

O desfile etnográfico esteve muito bem. Vários carros alegóricos representando onze distritos passearam-se por Fão com garbo e bom sentido de observação. Apreenderam em cada zona do país o que era mais característico.

A exibição das marchas? Soberbo número. Pedreiras, Ramalhão e Areosa foram cada um melhor que os outros. A propósito, veja-se que aquela caracterização que fazemos a estes lugares no nosso editorial pode-se aplicar às marchas.

A romagem aos lugares típicos de Fão no domingo, dia 21, foi além do mais, comovente. O povo fangueiro vibra a sério com estas coisas. E «nestas coisas» ninguém o bate.

Esqueçamo-nos da Queima do Judas. Má audição do microfone, uma introdução mais chata e comprida que a légua da Pó-

voa e depois uns versos anódinos. Ainda por cima algumas expressões soezes de quem o povo de Fão se despediu há muito. Por azar, gente à cunba.

Com muita categoria esteve a exposição «Fão no séc. XIX». Temos, isto é, algumas famílias de Fão possuem um acervo de coisas relacionadas com o mar, construção de navios e marinbagem que nos envaidece. No próximo número falaremos disto com mais vagar.

Outra coisa: o concurso de montras. Algumas estavam sensacionais. E o Concurso Vestidos de Cbita com passagem de modelos no Hotel do Pinhal? Dizemos só que estiveram lá apenas quatrocentas pessoas. Concorreram apenas empresas de Fão. «Chissal!» Já dizia o Tio Zé.

Somos os maiores, não tenham dúvidas...

A exibição das Tunas em frente à Matriz fez sucesso. Foi agradável ouvir aquelas moças e moços cantar coisas nossas do antigamente. O bino nacional cá da terra (Fão, linda terra minha) também apareceu. Claro que não cantam melhor que nós — podia lá ser! Mas foi girríssimo.

Os irmãos Matias, como sempre, engrinaldaram o Templo do Bom Jesus com arte, amor e bairrismo. O seu tapete, quer dizer, a fama do seu tapete já corre mundo. Oxalá não de dê a secessão. É que vimos o Casimiro desta vez muito ferido pelas setas de Cúpidio e aquilo pode dar para torto, quer dizer, independentização.

Quanto a pessoas não se fala. Sempre muita gente. E até os vendedores apareceram muito diversificados. Nunca vimos vender tantos relógios e meias na nossa vida «Estão aqui 18 pares de meias e vocência não vai pagar por elas nem dez contos, nem cinco, nem dois. Via pagar apenas 1 conto de reis e leva ainda mais seis pares de borla. 24 ao todo!»...

## O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

### AS AMÊNDOAS AMARGAS

Nesta quadra ainda com um «cheirinho» de Páscoa, não gostaríamos de falar de tragédias. Mas há coisas 'que se não podem ignorar nem deixar passar despercebidas.

Os sinos repicaram festivamente, os afilhados regalaram-se com os folares, mas nem para todos foi assim.

Em Valença, por exemplo, uma família chorava o seu menino morto por um «guincho» dos trabalhos da nova ponte. A irmã do menino, que com ele brincava despreocupadamente sobre o maquinismo assassino, ficou com as mãos mutiladas.

Todos sabem que as crianças, mesmo as crescidinhas, têm uma tendência indesejável para fazerem objecto dos seus folgedos as coisas mais incríveis e insuspeitadas. A imprevidência é inerente à sua condição de jovens.

Sabendo isto, não se compreende a imprevidência dos adultos - esses que não têm a desculpa - os verdes anos - em deixar sem protecção ou resguardo materiais e máquinas que podem transformar-se em instrumentos de morte.

Por isso aqui deixamos estas modestas línguas. Oxalá que as responsabilidades sejam apuradas, que de futuro haja mais cuidado, que a morte não se ofereça tão facilmente à despreocupação e falta de noção de perigo das crianças.

Só assim a morte do Óscar e a mutilação da Maria Manuela não terão sido em vão.

## NOITE FANGUEIRA

Este ano as festas do Senhor Bom Jesus apresentaram um calendário longo e bem preenchido. De 23 de Março a 8 de Abril.

No sábado, dia 23, os festejos começaram com uma noite fangueira.

Foi no edifício dos ex-amigos de Fão. Um grupo de «raparigas» encarregou-se das canções da terra. Bem, chamamos-lhe raparigas, porque já o foram. Algumas já entraram nos «entos» e outras aproximam-se perigosamente dessa marca. É a vida, minhas meninas. Cantaram bem, entusiasmaram-se, e puxaram a plateia. Antes que nos esqueça, vamos pôr aqui os seus nomes: Carlota Maia, Tininha Padeira, as suas irmãs Lili, Gininha, a Céu (Padeiro) a Dulce Maia, Carmen (Kani). Que estas simpáticas conterrâneas nos desculpem mas voltámos a gostar imenso, imenso da Dulce nos solos dos Sinos. Aquela voz leva-nos ao inferno.

Ora bem: não se tratou de uma noite fangueira propriamente dita. Aquilo foi uma miscelânea. Em primeiro lugar actuaram o Barbosa e o Armando Solinho. Canções da sua (Barbosa) autoria, canções brasileiras foi o menu. De um certo modo deram-nos a entender que estavam à espera que chegasse o Mário d'Abília. Cantaram muito e com a melhor boa vontade. Animaram e satisfizeram o ambiente. E são também memória de Fão.

Entremearam com o grupo das jovens fangueiras. Por falar em fangueiras queremos

dizer que o povo de Fão não acorreu em massa. No entanto a casa estava cheia. Mas o entusiasmo, aquele entusiasmo que faz vibrar os nossos corações não encheu as salas.

Apareceu também o Sérgio. Quer dizer, os artistas de Fão apareceram lá todos. Só faltou o Albano. O Sérgio, autor da letra e música das suas mornas, satisfaz o ambiente. Sabe cantar, sabe viver as suas canções, sabe criar nostalgia. Depois a «tia Virginia», a «Sr.ª Maria» são ou eram pessoas do nosso quotidiano que o Sérgio traz para a ribalta e para quem apela de uma forma patética, revelando a crueza de uma vida difícil.

Na verdade o programa até foi bem preenchido só que não foi uma noite fangueira à nossa moda.

Finalmente apareceu o Mário. Tinha compromissos já anteriormente firmados fora da terra aos quais não pôde faltar. Trazia o seu elenco, elenco que ofereceu alguns fados através dos semi-profissionais que o acompanhavam. Tudo bem.

Um aceno de simpatia para Fernanda Praia que apresentou várias canções do seu repertório. Tem um bom timbre de voz. Animou a festa e também se animou com os aplausos quentes que lhe foram dispensados.

O NOVO  
FANGUEIRO  
FÃO